

AUTONOMIA DE KANT E AUTENTICIDADE EM HEIDEGGER: DAS POSSIBILIDADES DA LINGUAGEM

KANT'S AUTONOMY AND AUTHENTICITY OF HEIDEGGER: POSSIBILITIES OF LANGUAGE

Angela Baggio Lorenz¹

Resumo: Este texto se propõe a abordar a questão da linguagem no pensamento heideggeriano a partir de sua ontologia fundamental. A linguagem é aquilo que é dito pelo ser do ente, é o pôr (legen) enquanto “pro-por” e “ex-por”, deixar mostrar, possibilitado pelas palavras frente à impessoalidade do mundo comunicativo. O que é dito situa-se na relação da condição existencial do ser-aí, posto que o dito realiza-se no mundo fático do ser em detrimento do mundo dogmático das certezas. A diferença ontológica entre ser e ente nos acena para a autenticidade de sermos enquanto “unidade” mas também para a finitude da própria condição de ser, seja a de “ser-com” o outro e do “ser-para-a morte”. Ou seja, a linguagem enquanto algo que é dito pela condição existencial do ser-aí proporciona pensarmos o *logos* como uma forma mais originária de nos aproximarmos da verdade enquanto encobrimento e desencobrimento.

Palavras-chave: Discurso. Logos. Autenticidade. Ser-com. Ser-para-a morte. Disposição.

Abstract: This text investigates the concept of language in Heidegger's thought starting off from his fundamental ontology. The language is what is said by the Being of the Beings, it is to place, producing and presenting, to let be seen through the words against the “they” of a communicative world. What is said in the discourse places itself in the existential conditions of Being-there due to the fact that what is said takes places in the factual world of the Being rather than in the dogmatic world of certainties. The ontological difference between Being and Beings waves for the authenticity and inauthenticity of being as a “unity” but also for its own finitude of being, meaning Being-with the Other and Being-towards-death. Therefore, considering language as something which is said due to the existential condition of Being-there, presents the logos as a more originary way for the proximity of truth as concealment and unconcealment.

Key-words: Discourse. Logos. Authenticity. Being-with. Being-towards-death. Disposition.

* * *

A linguagem é uma possibilidade que o ser-aí dispõe para estar autenticamente ou inautenticamente no mundo que habita. A disposição não implica no domínio da mesma, pois a linguagem é a morada do ser, o que já nos revela a suspensão do domínio do saber, do ser e do ente. A determinação da autenticidade se vale da condição existencial do ser no mundo compartilhado da dinâmica histórica em detrimento de valores determinados pela história. Ou seja para falarmos da linguagem partimos da ontologia, do reconhecimento da questão fundamental que é a questão do ser e assim

¹ Mestranda em Filosofia pela Universidade de Brasília - UnB. E-mail: ablorenz3@gmail.com.

expomos a linguagem a partir de seu próprio dizer (Rede). Com isto a questão da linguagem se aproxima da questão do método pois somente nos caminhos trilhados através da analítica existencial é que devolvemos a questão do ser a sua origem, seja a do esquecimento do ser. Sendo assim, já nos deparamos com a confrontação de Heidegger com um pensamento que priorizou a ordenação lógica em vez da dinâmica do logos, o que resultou na posição clara de Heidegger de que *a investigação filosófica deve renunciar a uma filosofia da linguagem*. (HEIDEGGER, 2006, ST, p.229)

A linguagem uma vez definida a partir dos conceitos linguísticos, obtidos por sua vez através da separação entre síntese e diaírese, revelará sistematizações fonéticas e sintáticas permanecendo, no entanto, velado o modo do ser do ente. A justificativa pela legitimidade de uma razão que transformou e apropriou o logos, originariamente concebido enquanto fala, transformando-o e reduzindo-o à definição de logos como representação ou correspondência é alvo de críticas constante ao longo da analítica existencial, seja previamente conduzida na obra magna de Heidegger ou até mesmo posteriormente quando a linguagem será entendida como a *casa do ser*.

Avessa a toda concepção niilista sobre a questão do ser, Heidegger parte da análise da linguagem pelo referencial existencial e não pelo referencial representacional ou conceitual exercido pela tradição e revigorado pela filosofia analítica.² A linguagem é uma manifestação a partir da qual o Dasein revela as condições de ser, partindo da radicalidade de ser enquanto presença; a existência deste ser jogado está finitamente limitada pela constituição irrevogável de ser para a morte. Este constrangimento leva o Dasein a recorrer à linguagem como uma possibilidade existencial autêntica, uma vez que através dela dá-se a abertura deste ser com o outro, o que nos conduz à destruição de uma relatividade solipsista reivindicada por alguns leitores de Heidegger.

O ser-no-mundo refuta articulações universalistas as quais se baseiam na utilização da linguagem como instrumento que dispensaria qualquer reivindicação da questão do ser. A linguagem como um aglomerado de fonemas que estariam desde

² Como nos sugere Júlio Cabrera, o problema da metodologia “objetivo-disposicional” contestada por Heidegger não está presente apenas na filosofia analítica, sua presença poderá ser atestada na própria hermenêutica. “A filosofia analítica da linguagem representaria apenas uma dessas tradições ‘objetificantes-disposicionalistas’, mas não certamente a única: parte da própria filosofia ‘hermenêutica’ – tanto no sentido amplo quanto no sentido restrito – também pode ser visualizada, a partir do ponto de vista radical de Heidegger, como atrelada à metodologia ‘objetivo-disposicional’.” (CABRERA, 2003, p.136) Com isto, tentamos identificar ao longo deste artigo os conceitos os quais se apoiam tais metodologias, contrapondo-as ao que Heidegger nos acena através da sua apreensão de linguagem. Ou seja a hermenêutica deixa de ser um lugar privilegiado para a questão do ser, pois Heidegger insiste na condição da abertura do ser (Erschlossenheit) sem com isto dispor de uma imposição de cunho naturalista.

sempre disponibilizados ao homem tendo como objetivo a padronização de sistemas linguísticos circunscritos em uma cadeia de significantes desvinculada da condição *existencial* deste ser da linguagem é, para Heidegger, a somatória de elementos que representam o esquecimento do ser. A universalização impõe perspectivas que delimitam a intransponível condição móbil, temporal e histórica do Dasein, prevalecendo assim a entificação da linguagem e do próprio ser.

A separação entre *linguagem/ser*, imposta pela linguística e aferida pela psicologia empirista, em nada contribui para um filosofar atento a uma forma mais originária pela apreensão do ser, mesmo porque a questão do ser sequer é tema de discussão. O que resta da linguagem são as sobras de palavras que cristalizam um saber indiferente à radicalidade de sua própria condição constitutiva, a saber, o ser do ente.

A unidade buscada por Heidegger na linguagem é a maneira com que podemos mais claramente visualizar a amplitude em que se circunscreve o significado (Bedeutsamkeit) ou o sentido (Sinn) e com isto retornarmos aos fundamentos da “*ek-sistência*”. O Ser está em uma relação direta com sua vizinhança, não há o dentro e o fora, há o estar-junto-com. Todas as pré-condições que nomeiam as coisas fundam-se na posição prévia, na visão prévia e na concepção prévia. O nomear parte de um referencial que por si está incluso na circularidade hermenêutica, e negar tal condição é partir para a ideologia de uma forma pura e pretensamente “lógica” enquanto que não se trata mais do que de mera ideologia.³

A concepção prévia (Vor-griff), bem como todas as outras formas prévias (vor), fornece-nos, de forma mais originária e menos ideológica, elementos que nos facilite abordarmos fenomenologicamente a questão da linguagem. A linguagem é contextualizada a partir da inclusão das condições que permitem reconhecermos sua interação partindo da realidade existencial em que se encontra. Qualquer tentativa de negar tais condições inviabilizará a leitura analítica existencial sobre a linguagem e seu fundamento no pensamento heideggeriano. Com tal exigência, Heidegger desmistifica a pretensão de desvincularmos linguagem, interpretação e compreensão, pois será a partir do agrupamento de tais elementos que podemos chegar onde sempre estivemos, ou seja,

³ As condições prévias não são empecilhos para que se trate do desvelamento/descobrimto como condição para a questão do Ser. Isto porque para Heidegger o estar-com o outro, o ser-no-mundo considera a existência singular do ser mediante o mundo. André Duarte em seu texto *Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro* ressalta a condição existencial deste ser jogado no mundo na sua propriedade (eigenschaft) e autenticidade partindo da abertura deste ser o que implica no compartilhamento.

na unidade do ser. As palavras inseridas em um texto nada dizem se não considerarmos que o significado do que é dito passa necessariamente pelo “crivo” de um leitor, o qual por sua vez faz parte de uma conjuntura que o permite ou não, de forma originária, a compreensão e a interpretação do que é dado. De qualquer forma, permanece a condição de interpretação e compreensão partindo do enquadramento deste leitor na finitude nas quais incidem seus referenciais:

Se a concreção da interpretação, no sentido da interpretação textual exata, se compraz em se basear nisso que “está” no texto, aquilo que, de imediato, apresenta como estando no texto nada mais é do que a opinião prévia indiscutida e supostamente evidente, do intérprete. Em todo princípio de interpretação, ela se apresenta como sendo aquilo que a interpretação necessariamente já “põe”, ou seja, que é preliminarmente dado na posição prévia, visão prévia e concepção prévia. (HEIDEGGER, 2006, p.212)

Contudo não pretendemos cair na subjetividade de um sujeito que impõe sua razão como a determinante da verdade, seja ela representada pelo eu absoluto ou pela infabilidade da consciência. Da mesma forma que a verdade não está sob o domínio de postulados determinados e imóveis, ela também não está *jogada no ar*, indiferente à multiplicidade dos acontecimentos que transitam no espaço da cotidianidade em que habitamos. A historicidade e a temporalidade são componentes determinantes e irrevogáveis para se chegar à verdade, pois ela na qualidade de *λόγος* está em “relação com”, “participando de”, e não isolada em si mesma. A urgência de separar a linguagem da gramática sugerida por Heidegger se dá pela inversão realizada pela filosofia em separar o significado originário de *λόγος* como o falar de alguma coisa tal qual preteritamente concebida pelos gregos. O ato da fala e a linguagem eram a mesma coisa, Heidegger nos adverte da inexistência da palavra “linguagem” para os gregos, enfatizando com isto a convergência entre a gramática e a lógica cujo objetivo estava na apreensão “do que” e “sobre o que” se dizia, e não na classificação fonética do dito. Buscava-se a revelação do que era dito, o sentido pairava no desvelamento do mundo e das coisas, a busca se constituía em mostrar o que estava ocultado:

Mas os gregos [...] entendiam que o *λόγος* consiste em falar *sobre* alguma coisa, falar *de* alguma coisa. Isto é, eles viam que a realização básica da fala respalda-se em mostrar ou revelar *o que* alguém está falando sobre *o que* alguém está discutindo. De fato, a produção de ruídos vocais era consideravelmente secundária. (HEIDEGGER, 2010, p.6, tradução nossa)

Se não é na subjetividade e na consciência que encontramos a referência da analítica existencial então que caminho toma Heidegger para lidar com a linguagem e com isto manter-se consistente ao repúdio de qualquer tentativa metafísica de lidar com o ser?

Partimos da finitude do ser e suas consequências tanto para a epistemologia quanto para a fenomenologia e para a hermenêutica, pois através dela identificamos o distanciamento progressivo de Heidegger da apreensão da verdade pelas diretrizes de uma sistematização que torna o ser refém de um saber uma vez que quando se ganha o conhecimento, perde-se a liberdade, pois toda a correspondência determina os perímetros da caminhada.

Um pouco mais sobre a finitude com ou apesar de Kant

Vejamos bem, enquanto Kant investigava as três questões de interesse da razão especulativa e prática: *Que posso saber? Que devo fazer? Que me é permitido crer?* Heidegger tratava de retomar a pergunta *Que é o homem?*, sem, no entanto, tornar-se refém de propostas antropológicas. A finitude do saber, identificado por Kant, não o leva muito longe, pois embora tenha com isto imposto limite ao ambicioso empirismo, ainda mantém-se preso à razão, às representações e ao conceito. O mundo dos sentidos é regido por um sujeito submetido às condições de possibilidades, ora do conteúdo, ora dos conceitos. O mundo histórico e temporal é ignorado, em seu lugar está o sujeito puro e a cadência dos juízos sintéticos a priori. Perde-se o mundo, permanece a certeza da razão. Kant busca o apoio que lhe possibilite a compreensão das coisas na razão, Heidegger, por sua vez, nos acena para a linguagem, o que nos leva à ausência de fundamento, posto que não há apoio, apenas o frugal instante das palavras.

A crítica kantiana da concepção de um mundo suprassensível, ou nas palavras de Kant, do *voo das Ideias* (den Flügeln der Ideen), tem como propósito desautorizar o idealismo indiferente ao mundo sensível. O que move Kant a buscar novos parâmetros para o conhecimento não é somente a refutação ao que está além do mundo representacional, mas, sobretudo o apoio que sustentaria tal reivindicação. Sendo assim, recorremos a uma citação a qual Heidegger se refere na qual Kant confronta a liberdade desvinculada do mundo dos sentidos, das resistências, mediante a pavimentação de um caminho erigido pelas certezas e pela segurança do que está e permanece disponível ao homem, ou seja, a razão. “A pomba ligeira, que em seu vôo livre fende os ares de cuja

resistência se ressentir, poderia imaginar que voaria melhor no vácuo.” (KANT, CRP, 1998)

Kant se vale da exemplificação do voo de uma pomba com o intuito de confrontar a interpretação do mundo das ideias de Platão. Inicialmente Kant escreve que, para a tradição, a pomba poderia obter melhores resultados se estivesse em um espaço sem a resistência do ar. Analogamente associa a liberdade do voo da pomba com o mundo das ideias de Platão, o qual, livre dos limites do mundo sensível, alçará um voo livre desvencilhado das resistências apresentadas pelo mundo sensível.

Assim nos deparamos com dois problemas. Primeiro, Kant traça uma relação de reciprocidade entre mundo sensível e compreensão (Verstand), desconsiderando que, para Platão, a reciprocidade permeia o ser e o mundo. Aqui o pensamento de Heidegger ainda se encontra com Platão e contra Kant. Segundo, para Heidegger o ser é um ser histórico e não meramente um sujeito do conhecimento confrontando-se com os limites do saber, aqui a ontologia fundamental se contrapõe à ontologia. Entretanto, Heidegger está com Kant no que tange à finitude do saber, pois é na própria finitude que podemos nos lançar quando o que viremos a alcançar encontra-se circunscrito na proximidade e não no infinito, pois o aberto (Erschlossenheit) para Heidegger repousa na diferença ontológica, posto que o Dasein não se fecha na razão e nos seus ajuizamentos. Assim, a transcendência de que trata Heidegger se mantém consistente para com o ser indo, porém, além do sujeito da razão: “A transcendência não é a nostalgia do vácuo, da ausência de resistência do ar; é, isto sim, um ensaio constante para assumir, de modo próprio, o peso e a resistência da finitude da condição humana como positiva.” (STEIN, 1969, p.409)

Para Platão a *ídeia* é que realiza a presentificação, o que é o é pela *ídeia*, a presentificação será a essência do ser, com isto Platão dá preferência à essência e não à existência. Desta forma os caminhos trilhados por ambos os pensadores, Platão e Heidegger, separam-se, pois para este último o que *é* passa pela vizinhança do mundo compartilhado, de existências e de sombras que não são apenas (bloß) sombras. Despreza-se o domínio da instância do *eidōs* em favorecimento do ser no acolhimento na unidade:

Assim, o desvelado é concebido de antemão e unicamente como aquilo que é apreendido na apreensão da *ídeia*, como o que é conhecido no conhecer... A disposição que surge dentro desse direcionar-se para as *ídeias* determina a essência da notação e, por conseguinte, a essência da “razão”. (Heidegger, 2008, p.237)

Poderíamos nos aventurar e dizer que para Heidegger não há a legitimação de um saber, pois todo o saber apela para o ponto de apoio. Assim retomamos a leitura de Kant sobre Platão quando traçamos uma ponte que desvelaria possíveis nuances interpretativas da aproximação feita por Heidegger entre a ideia platônica e a razão kantiana.

Platão perdeu o mundo sensível ao afirmar o mundo suprassensível, a regência é do *eidos*, do mundo das ideias, encontrando-se assim o caminho da dialética. No entanto, a inquietação de Kant consiste em que além dos juízos analíticos, temos os juízos sintéticos a priori, com isto além de Kant trazer para as condições de conhecimento o universal e o necessário, impõe uma relação direta, embora não causal, para que haja o mero objeto (Gegenstand).

Mas é justamente por esta razão determinante do conhecimento que Heidegger, de certa forma, identifica uma outra forma de determinação, esta por sua vez dada pelo *eídoç* de Platão, a qual mesmo não considerando o mundo sensível, o que será um problema para Kant, mantém a orientação das vertentes na infalibilidade do conhecimento. Está dado assim o passo inicial da dominância do conhecimento em detrimento do ser. Vemos então que o desprezo à existência verifica-se simultaneamente em Kant, pois para que se chegue às coisas é necessário obedecermos às sistematizações proporcionadas pelas representações. O apoio mencionado por Kant é o fundamento para se chegar à verdade (Wahrheit) e às fontes em que a verdade é estabelecida⁴. A verdade não se dá, ela é imposta.

Contudo, o espaço vazio do entendimento puro não é o lugar, nem para Heidegger nem para Kant, onde poderemos apreender as coisas (Sache). É necessário, para o primeiro, o reconhecimento do mundo existencial, e para o último, a certeza do mundo sensível (entenda-se aqui como o mundo dos objetos, pois subsiste a referência em certo sentido da objetividade da relação cartesiana sujeito-objeto, salvo o limite das pretensas epistemes denunciado pela analítica transcendental). Conforme Kant, “Ele [Platão] não percebe que através de seus esforços nenhum caminho foi conquistado, pois ele não dispunha de apoio (Widerhalt) nem de fundamento em que pudesse insistir e para onde pudesse empregar suas forças para trazer a compreensão de um lugar.” (KANT, 1998, p.55, tradução nossa)

⁴ Aqui me refiro às condições de possibilidades (Vermögen) para a verdade, quando Kant traça as diretrizes que levam à confrontação da teologia, do númeno e do algo como *etwas=x*.

O fundamento buscado por Kant certamente não tratava-se da abertura do Ser. Que lugar privilegiado seria este que Kant alicerçava seu tão dispendioso conhecimento? O lugar determinado pela razão, o lugar em que a filosofia moderna determina como o espaço para o conhecimento seguro, é um espaço que não proporciona a simples organização das coisas em um deixar-se mostrar, ao contrário, busca-se pela tutela da razão a tirania de uma ordem. Kant, em suas críticas, maneja as certezas de um sujeito circunscrevendo-o na pureza de um mundo também imaginário, nomeia-se como ajuizamento a construção de uma teoria, que, embora desmistifique o mundo empírico de Hume, permanecia ainda refém de um apoio. Heidegger não está em busca de apoio que permita legitimar um saber, pois para a analítica existencial o ser da linguagem situa-se na temporalidade histórica.

Linguagem e escuta em Heráclito

Heráclito nos aproxima da verdade por situá-la no vigor do vigente e por nos fazer pensar nela como o dizer (Rede), como o “pro-por” e o “de-por” (λέγειν), como o manifestar-se. Falar é dizer na linguagem e pela linguagem, um dizer que nos remete ao que é dito e não a quem o diz, em uma obediência que se abre para o que está disponível. O que está disponível no dizer da linguagem não são os sons, os ruídos, os elementos desapropriados de sua forma de ser. O que é dito para ser escutado precisa ter sido ouvido, um ouvido como órgão do corpo ou uma palavra como representação, nada dizem, nada ouvem. Da mesma forma que o muito dizer (Gerede) implica em nada falar. A impessoalidade (das Man) que encontramos em nossa cotidianidade em um estar na presença do outro sem estarmos próximos a ele, ou da falação desenfreada que nos toma como meio de comunicação deixando como rastro apenas a certeza da fuga de si mesmo, nos demonstra o medo que carregamos conosco da única certeza, que nos faltam e não que sobram palavras.

O falar e o ouvir, tratado em Heidegger meticulosamente tanto em sua obra magna quanto em trabalhos posteriores, a exemplo “Logos” de 1953, articulada na instância do cuidado, representa uma forma de entendermos a apropriação originária (ursprünglichen Zueignung). Ao auscultarmos o que é dito como uma forma de recolhimento e doação, dispomo-nos a apreender propriamente o que a nós está sendo conferido. Em outras palavras, ao estarmos apressados em compreender para colocar algo rapidamente em seu lugar, para iniciar um outro conto e outras lendas, para

embarcarmos em jogos retóricos, ou disputas dialéticas, nos afastamos do dizer e do falar permanecendo apenas a linguagem. A apropriação originária do que é dito exige que nos coloquemos em uma postura referencial na escuta, caso contrário a evitação de se haver com o nada permanece, [...] dado que a fala perdeu ou jamais alcançou a referência ontológica primária ao referencial da fala, ela nunca se comunica no modo de uma apropriação originária deste sobre o que se fala, contentando-se com *repetir e passar adiante a fala*. (HEIDEGGER, 2006 ST, p.232)

Todavia, Heidegger não se limitou a denunciar apenas como forma imprópria do ser impessoal a falação, pois nos remete também à *escrevinhação* (*Geschreibe*). A repetição escrita tal qual a repetição falada encontram apoio no espaço público (*Offentlichkeit*) onde a dinâmica da indiferença e da conveniência ditam as regras. Mas algo de extremamente significativo tem o poder de mover esta troca simbiótica de energia compulsiva e progressiva, este algo que nos impulsiona cada vez mais para a impessoalidade do ser-no-mundo cotidiano e mediano. Estar nivelado na publicidade remete à aceitação, à afirmação e à segurança de um ser que não mais precisa fugir da sua condição de ser-para-morte. O preenchimento total que se busca tanto na falação como na *escrevinhação* demonstram a disposição de sermos avessos àquela primeira imposição feita a nós, que é a de vivermos. O viver e estar em débito por esta condição nos levará, queiramos ou não, para o oposto do que temos, ou melhor, do que pensamos ter, no turbilhão de nossa vida cotidiana. A evitação desta certeza é feita pela substituição do nada pelo o tudo, a angústia é de morte. Aquela sensação de estranheza, do desconhecido, certamente nos tira o pé do chão, ficamos na incerteza e na insegurança do mundo desencantado. Mas penso que a questão que nos assola, que nos angustia, poderia nos fazer lidar com este mundo de uma forma mais própria, pois a questão radical e segura de sermos seres para a morte nos levaria a lidarmos com a vida de uma forma mais autêntica e livre. A relação utilitária de um com o outro, a indiferença para o que nos é doado no dizer da linguagem, a escuta desinteressada e a produção insensata ficariam suspensas porque a alavanca que as deslocou é também muito potente por ser a alavanca da morte. Estaríamos lidando com o nada, com o silêncio e com o recolhimento de uma verdade desvelada o que poderia fazer com que lidemos com o outro e com si próprio de uma forma mais próxima, mais autêntica e mais própria.

E tirando aquele outro apoio do conhecimento, o que nos resta? A linguagem, porém sem a condição de apoio. Até agora vimos que a linguagem não é para a analítica

existencial a sequência de fonemas linguísticos, a linguagem é a *morada do ser*. Todas as tentativas de desvincular a linguagem do ser recorrem no mesmo erro cometido pela tradição ao interpretar λόγος como lógica, desprezando sua origem no verbo λέγειν no colocar, coletar, falar, manifestar. Com isto Heidegger não busca nem por trás, nem nos céus, nem abaixo, nem acima, a essência da linguagem. É na fala que algo é mostrado, porém devemos considerar que esta fala para Heidegger exige o retorno a uma compreensão mais originária, esta, por sua vez, realizada por Heráclito, para quem *logos* significa agrupamento e acolhimento (Sammlung). Heráclito nos diz: “Se não me haveis escutado a mim, mas o sentido, é sábio dizer no mesmo sentido: um é tudo.” (HERÁCLITO *apud* HEIDEGGER, 2002, p.183)

Houve nesta citação uma inversão de posições, o que Heráclito nos clama é para ouvirmos o *dizer* e não *quem* diz: o filósofo, o matemático, o louco. Assim, aquela tristeza e decepção que os visitantes de Heráclito tiveram não existiriam ao vê-lo se aquecendo em uma despreziosa atitude de desapego à normatividade social, pois a busca seria pelo dizer, pelo mostrar, pelo “de-por” e “pro-por”. Porém, as expectativas eram outras que não aquelas esperadas pelo errante de Éfeso.

Novamente as equivalências na concepção de linguagem

A transformação da palavra *logos* para *ratio* não apenas alterou o significado originário na qual *logos* encontrava-se em íntima relação com a natureza, concepção esta derivada de Heráclito, mas também impôs à filosofia uma nova perspectiva na qual emergirá o imperialismo do saber. O saber linguístico obstrui a contextualização em que as metáforas se dão, pois somente é possível falarmos de linguagem se considerarmos aquele que a efetiva, no caso da ontologia trata-se do ser. É necessário ressaltarmos que para Heidegger as diretrizes que norteiam seu pensamento não repousam na analítica e na objetividade desvinculadas do Dasein, posto que o enunciado é um modo derivado da interpretação. A linguagem, como a casa do ser, nos dá as devidas proporções em que analisamos as propostas de uma analítica existencial. Voltemos nossa atenção para a consequência de tal realização. Conforme Cabrebra, “Heidegger determina assim um âmbito originário, apriorístico, de *significatividade* em termos de “existir”, de “ser-no-mundo”, e não em termos puramente objetivos, e determina-o como o pressuposto inevitável e insuperável de todo e qualquer objetivar.” (2003, p.138)

O Dasein está no mundo, sua condição de abertura permite que dialoguemos melhor com a compreensão e interpretação apriorísticas as quais elevam o estatuto da linguagem a um novo patamar. Chegamos às coisas que vêm ao nosso encontro pela conjuntura em que se inscrevem deixando assim de lado a assepsia de uma representação que paira no ar. A compreensão e a interpretação caminham junto na dinâmica da linguagem.

No § 34 Heidegger amarra os “conceitos” que vinham tomando espaço em seu pensamento desde as preleções de Marburg de 1925 a 1926, mas principalmente dos cursos de inverno de 1924 a 1925. Isto porque Heidegger já têm em vista a desmistificação do conceito de logos como razão e do conceito de verdade como *Αλήθεια*. No entanto, nossa atenção nesse momento consiste na observação da imbricação realizada por Heidegger entre o falar e o ouvir, os quais por si mesmos nos levam à completude das referências remetidas à compreensão do λόγος em Heráclito.

Toda a escuta envolve uma compreensão, não escutamos somente os ruídos, mas sim a conjuntura em que se encontra reciprocamente: barulho e o Dasein, porém, sem nos esquecermos de que todo este dar-se se insere no ser-no-mundo. Assim sendo, Heidegger enfatiza que primeiramente dá-se a compreensão e em seguida a interpretação e não vice-versa, a linguagem ainda relaciona-se com a primazia compreensiva do Dasein. Somos seres jogados no mundo, as coisas que vêm ao nosso encontro são compreendidas porque estamos em interação com o outro e junto ao ente. Porém este *ser-com* viabiliza ou não o privativo, isto é, podemos estar-com o outro e não escutarmos o que se diz. Haverá um pertencer (*hörig*) no processo constitutivo da escuta, este pertencimento está relacionado à abertura do Dasein, abertura decorrente da condição de ser jogado no mundo o que torna o ser do ente como presença e como “existência” um ser histórico e na história. Com isto vemos que a linguagem é um existencial relacionado à condição ontológica e não a uma condição científica. Porém, a condição de *ser jogado no mundo* nos leva também à abertura (*Erschlossenheit*) do Dasein, o que por sua vez nos conduz ao outro, entendendo-se assim o uso da palavra *Mitsein* (ser com).

A linguagem, na analítica existencial, transita no mundo fenomênico, o mundo da apreensão das coisas e não da representação ajuizada por conceitos, juntamente com a apreensão feita pelo Dasein no mundo habitado por outro Dasein tomando-se outro caminho daquele determinado pelo sujeito da razão, do logos como *ratio*. O caminho

que se percorre é de um Dasein cuja presença define-se pela travessia efetuada através da linguagem.

A presença não se equivale ao estar sempre lá, disponível como um *Vorhandensein*, como uma coisa potencialmente indiferente ao Dasein e sua atuação mediante a coisa que é dada, visto que a coisa é coisa e não um “dado” separado e alienado do Dasein, pois a coisa é compreendida e interpretada pelo ser-aí. Estamos tratando da linguagem partindo de uma pré-disposição, do pré-compreender que acompanha a linguagem, pois o ser-aí é um ser enquanto abertura de ser-no-mundo. O pré (vor) tratado por Heidegger não é o mesmo que o *a priori* kantiano, ou seja, o lugar privilegiado da razão, pois esta impossibilita a apreensão mais originária e acolhedora realizada pela linguagem. O λόγος é o logos enquanto linguagem, como nos diz Heidegger: “O Λόγος seria, então, a palavra grega para a fala, como dizer, para a linguagem. E não somente isto. Pensado como a postura recolhedora, o Λόγος seria a essência da saga, pensada de modo grego. Linguagem seria saga. Linguagem seria: deixar dispor-se recolhedoramente o vigente em sua vigência. (2012, p.201)

Em “Ser e Tempo” a linguagem é derivada do dizer/fala (Rede), a linguagem não é a somatória de letras e sons que produzem significados desvinculados do ser que emite fonemas e sintaxes. A linguagem é da ordem ontológica, a linguagem além de implicar o dizer, a fala, leva consigo a compreensão e a interpretação. Assim, podemos conduzir a definição do enunciado como o meio utilizado pela linguística para delimitar o alcance que percorre a linguagem seguindo a análise objetivante e destituída do ser.

O enunciado lógico (Logik Aussage) traz consigo a demonstração, a predicação e a comunicação. O logos apophantikos, como sendo o logos que revela e mostra, caracteriza o enunciado, restringindo o objeto determinado na presença constante. Já a predicação delinea-se a partir do domínio do como (als) apofântico em detrimento do como hermenêutico, enquanto que a comunicação é apenas a troca rotineira realizada em nossa ocupação. Como veremos ao longo do pensamento heideggeriano o Ser irá exigir um dizer (Sagen) e não um enunciado (Aussage) como entendido pela linguística. (HEIDEGGER, “Beiträge zur Philosophie”, 1989, p.473).

Retomemos por hora a questão da fala como dizer (Rede). Logo no início do §34, Heidegger, ao tratar da linguagem, refere-se à disposição (Befindlichkeit) e à compreensão (Verstehen) como *existenciais fundamentais que constituem o ser do pre, ou seja, a abertura do ser-no-mundo*. Com isto, Heidegger vem acomodar elementos

dinâmicos à compreensão da linguagem pois a junção de ser e compreender leva adiante o que fora iniciado por Heráclito.

A linguagem e a disposição

A disposição (*Befindlichkeit*) é definida logo no início do §29 como possibilidade ontológica enquanto que o Humor (*Stimmung*) é uma concepção ôntica, e ambas fazem parte do *Dasein*. Creio que a abrupta distinção nos revela em sua intensidade a importância de cuidadosamente nos dirigirmos a ela. Certamente que obtemos assim uma visão mais clara do que estamos tentando ressaltar desde o início desta investigação, a questão que norteia o pensamento de Heidegger é a questão do ser. Porém, Heidegger nos acena para a disposição enquanto revelação, mas também como evitação, em uma dinâmica do ser na presença e também na ausência que se faz presente no dizer ou ao contrário no dizer que é pura ausência. Vemos assim que lidamos com o enviar e o esquivar, o verdadeiro e o falso, o mostrar e o ocultar, esta dualidade é parte integrante do uno, de uma unidade não concebida pelos parâmetros dogmatistas seja ele epistêmico, ou religioso. Falar do ser é falar das incertezas e das possibilidades, perde-se o chão, porém não se perde ficando-se solto no ar. Há uma diferença ontológica.

Retornemos à questão do Humor e da Disposição. Heidegger oferece nesta distinção a libertação do *Dasein* de critérios dogmáticos que determinam sua existência. O ser-*aí* não pode ser definido a partir de uma perspectiva psicológica, da mesma maneira em que o *Dasein* não pode ser determinado pelo sujeito da razão. Por isso mesmo, Heidegger fala do *arrancar*, do *esforço* que temos que realizar se queremos nos dispor a lidar com o *Dasein* a partir do *Dasein* em si mesmo. O *Dasein* está afinado no humor, ele está enquanto tristeza, enquanto aborrecimento, enquanto euforia, mas ele não é a somatória de estados, apenas encontra-se afinado com tal estado. Nesta afinação (*Stimmung*) o *Dasein* desvia-se de si mesmo, pois a existência dele e do mundo torna-se indiferente mediante a potência destas manifestações. A importância fundamental da abertura (*Erschlossenheit*) comprova-se novamente nesta situação, uma vez que ela nos apresenta a condição de sermos na estática da presença (*Dasein*) em sua essência (*wesen*), o que não é uma afinação, mas sim que está *enquanto* afinação, sendo que “a afinação do humor não realiza uma abertura no sentido de observar o estar-lançado, e sim de enviar-se e desviar-se. Na maior parte das vezes, ele faz pouco caso do caráter

pesado da presença que nele se revela e, muito menos ainda, quando se alivia de um humor.” (HEIDEGGER, 2006, p.195)

Desta maneira, Heidegger não estaria eliminando a condição deste existencial. O que ele faz é devolver a pertinência deste acontecimento para a disposição, para o “dispor” e para o “por”. Achar aí uma certa substancialização do pensamento de Heidegger é não ouvi-lo “atentamente”.

O ser mostra-se como um peso (Last) no mau humor, e esta é uma afirmação a qual Heidegger não desvenda seu mistério. O por que do ser do *Dasein* ser visto como um peso não se sabe e nem mesmo o *Dasein* pode nos esclarecer *visto que as possibilidades de abertura do conhecimento são restritas se comparadas com a abertura originária dos humores em que a presença se depara com seu ser enquanto pré*. (Heidegger, *ibid*, p.193). De qualquer forma, o que nos interessa neste momento é enfatizarmos duas questões: a primeira é que o humor assim como a disposição fazem parte da constituição existencial do *Dasein* e que o humor revela a mundanidade em que se encontra o *Dasein*.

Também o medo (Furcht) e suas variações (como timidez, acanhamento, receio e estupor) é um modo de disposição e como *Dasein* é enquanto (als) disposição, a dualidade contida na unidade reúne-se na presença tornando o ser enquanto humor e disposição. Ambos, humor e disposição, não são formas concretas, verificáveis e apreensíveis como uma coisa dada no mundo sensível, tal qual uma cátedra, um carro ou um pássaro, mas nem por isto deixam de ser partes integrantes da analítica existencial. A razão não é da mesma forma quantificável (tal qual as coisas anteriormente exemplificadas), no entanto, torna-se condição do conhecimento, tanto para a lógica, quanto para a ciência. Basta sabermos o por que do favoritismo discriminatório do inquantificável, por que a linguagem como acolhimento do ser ou a verdade como desvelamento continua a causar tantos estranhamentos à filosofia?

Assim podemos pensar nas colocações destemidas de Nietzsche de que os juízos sintéticos a priori não são mais do que meras convenções determinadas pelas conjunturas históricas. Se chegamos às coisas pela determinação prévia do que elas são, estaremos nos valendo também de um determinismo objetivante, porém, se chegamos às coisas a partir do reconhecimento de que esta presença viabiliza às coisas a serem apreendidas como coisas, parte de um conhecimento e de uma interpretação prévia (vor) ao “dado” porém distanciando-se do imperialismo do mundo suprassensível pois a diferença repousa na ek-sistência, e em “Ser e Tempo” na facticidade.

Sendo assim, da mesma forma que Heidegger descarta a hegemonia da razão, repele o domínio do mundo sensível em que Nietzsche sustenta sua leitura. Há o mundo fático do Dasein e não somente o mundo sensível, a vontade, o desejo; há o reconhecimento para Heidegger do ser-com (Mit-sein), assim como há o reconhecimento da disposição, do humor e da responsabilidade. Reconheço que estou no mundo devido ao medo que tenho, ou a angústia que sofro, estes estados de humor me levam à compreensão de que estou no mundo compartilhado e não no mundo isolado de um sujeito escravizado seja pelo determinismo de um ajuizamento ou pela realização desenfreada dos desejos de um profeta. Como nos diz Inwood:

Certos humores, notavelmente a angústia e a profunda tristeza, revelam, com particular intensidade, o fato *de que* eu estou no mundo, arrancando-me das características usuais da ocupação e da cotidianidade. Eles me trazem o fato de que meu ser está em questão, que eu tenho que fazer alguma coisa de mim mesmo. (Inwood, 1999, p.132, tradução nossa)

Vemos que para Heidegger não há lugar para chicanas, há decisões e responsabilidade. Com isto, propomos desautorizar leituras precipitadas que imporiam ao pensamento de Heidegger as idealizações de um exercício ainda confinado à metafísica. A disposição não é encontrada em um retorno nem ao “eu ideal” nem ao mundo das ideias, ela está no Dasein, na presença enquanto ato e potência, encontra-se na linguagem, na fala e no dizer, tendo como referência o “eu” da existência e não da consciência. Sua justificativa está na presença, porém na presença que não é re-posta pelo racionalismo que define o que é “dado”, nem tão pouco pelo voo imaginário de uma pretensa liberdade avessa à resistência. Vejamos:

Do ponto de vista ontológico-existencial, não há nenhuma razão para se desprezar a “evidência” da disposição, comparando-a com a certeza apodítica de um conhecimento teórico acerca do que é simplesmente dado. Também não é menos falso abrigar esses fenômenos no âmbito do irracional. O irracional - enquanto o outro lado do racionalismo - fala apenas estrabicamente daquilo para o que o racionalismo é cego. (HEIDEGGER, 2006, p.196)

Falar da linguagem é para Heidegger falar do ser; a afirmação cartesiana de que *o ser não é um predicado real* encontra ressonância em Kant, pois para este, o ser além de não nos afetar, não nos é acessível como os entes. A fala para Heidegger em “Ser e Tempo” remete à abertura, ao ser-no-mundo tal qual ao ser-com. Ou seja, a proposta de Heidegger de libertar a gramática do λόγος consiste em que a fala (Rede), como um

existencial originário da abertura, se dá no mundo do Dasein e não na arbitrariedade da razão. O enunciado concebido pela filosofia tradicional parte das determinações e ajuizamentos em uma completude de correspondência e causalidade, enquanto que a fala origina-se da compreensão do mundo em que estamos jogados. As palavras *não são coisas dotadas de significados* porque para haver significações é necessário partirmos da pré-concepção, da pré-visão, e da pré-posição, em que se situa o Dasein, assunto esse já previamente abordado.

Contudo, não é só a fala que nos permite estar com o outro em um mundo compartilhado, pois o escutar (hören) também nos permite chegar ao que é dito a partir da referência do que nos é dado enquanto encadeamento de elementos justapostos pela própria presença, contanto que nos mantenhamos atentos à condição fundamental da analítica existencial: “Escutar é o estar aberto existencial da presença enquanto ser-com os outros.” (HEIDEGGER, 2006, p.226)

Então nos vemos em um espaço de compartilhamento não somente da fala como também da escuta. No lugar de um sujeito isolado, cujo mundo é definido pelas relações de equivalência que correspondem ou não às expectativas de uma prévia determinação, vigora em seu lugar a totalidade existencial presente na multiplicidade do Dasein. A unidade mediadora da linguagem inclui em sua dinâmica não somente a confirmação do mundo circundante, mas também a confirmação que este mundo chega a nós pela apreensão realizada pela presença.

O círculo hermenêutico

Na famosa exemplificação de Heidegger, repetidas em diferentes obras, que não escutamos primeiramente o ruído (horschen), mas sim o ranger do carro e da motocicleta, desmistifica-se a tentativa de uma lógica do isolamento dos objetos e sua pretensa independência da prévia compreensão que acompanha toda e qualquer interpretação. Ao escutarmos o ruído da bicicleta chegamos ao fenômeno que disponibiliza compreendermos os acontecimentos que nos atingem. Vejamos bem, devemos com isto destacar que nessa leitura do Dasein, Heidegger, embora caminhasse no mundo fenomênico, empenhava-se em desvencilhar-se do domínio determinista do sujeito da consciência. Pois bem, o chegar às coisas mesmas para Heidegger, por questões estratégicas, ainda apontava para a *evidência original* de Husserl. Assim

chegamos à seguinte inquietação causada pela afirmação conveniente, porém elucidativa, do desdobramento da analítica existencial. Heidegger nos diz que:

O decisivo não é sair do círculo *mas entrar no círculo de modo adequado*. Esse círculo do compreender não é um círculo em que se movimentam qualquer tipo de conhecimento. Ele exprime a estrutura-prévia existencial, própria da presença. O círculo não deve ser rebaixado a um vitiosum, mesmo que apenas tolerado. Nele se esconde a possibilidade positiva do conhecimento mais originário que, decerto, só pode ser apreendida de modo autêntico se a interpretação tiver compreendido que sua primeira, única e última tarefa é de **não se deixar** guiar, na posição prévia, visão prévia e concepção prévia, por conceitos populares e inspirações. Na elaboração da posição prévia, da visão prévia e concepção prévia, ela deve assegurar o tema científico a partir das coisas elas mesmas. (HEIDEGGER, 2006, p.215, grifo nosso)

Entrar de modo adequado no círculo hermenêutico, ao que Heidegger refere-se, poderia levar a contestações que colocariam a analítica existencial na vertente de pressupostos ideológicos. Se estamos sempre inseridos nas condições prévias (vor) do círculo hermenêutico, se esta é uma condição indispensável do Dasein, como poderemos pensar em entrar neste círculo de modo adequado, uma vez que haveria outra possibilidade, digamos assim, mais originária? Estaríamos acenando para modos apriorísticos? Ir em direção às coisas elas mesmas não seria negar a condição da visão prévia, concepção prévia e da posição prévia que atinge a todos os Dasein?

Podemos considerar algumas alternativas para tal dilema. Heidegger termina o parágrafo 33 da citação aqui tratada dizendo que devemos evitar a caracterização da presença como algo simplesmente dado (Vorhandensein), pois como sabemos, a compreensão prévia do ser refuta o modo de ser do que é simplesmente dado, inviabilizando assim a objetividade do saber. Heidegger, como visto em nossa investigação no primeiro capítulo, buscava a verdade através do desvelamento, termo este definido como *ἀλεθεία*. O desencobrimento ou desvelamento realiza-se sobre algo que encontra-se na fakticidade do Dasein e este por sua vez chega ao algo que nos é dado a partir da sua condição de compreensão e finitude. Avesso a “pulos” que possibilitam a apreensão das coisas pela hegemônica razão, Heidegger nos acena para a linguagem como a possibilidade de chegarmos aonde estamos, pois a verdade como desvelamento é realizada pelo *λόγος* enquanto dizer e mostrar na temporalidade histórica do ser-aí. Não há pulos nem fundamentos muito menos certezas, apenas o desvelamento das coisas pelo ser do ente.

Dreyfus nos sugere duas alternativas para a compreensão da sugestiva e um tanto hermética afirmação de que *devemos entrar de modo adequado no círculo hermenêutico*. Primeiramente seria a circularidade hermenêutica partindo de “dentro” em que não há uma “lida” com a coisa a ser interpretada, ou aquela que parte de “fora” em que há uma tomada de perspectiva a qual determinará o que vem ao nosso encontro:

É precisamente a necessidade da “lida” na compreensão prévia que torna possível uma interpretação evitando-se a posição tradicional cuja alegação consiste na interpretação que trata dos fatos *versus* os estados intencionais (E.D.Hirsch), e aquela que alega que a interpretação baseia-se em convenções ou decisões arbitrárias (Rorty). Para Heidegger, como para Wittgenstein, o significado não funda-se nem em uma realidade mental nem em uma decisão arbitrária, mas sim baseia-se em uma forma de vida na qual estamos na “lida”, portanto não é imediatamente dada nem meramente uma questão de escolha. (DREYFUS, 1991, p.201, tradução nossa)

Vemos com isto que não podemos ter uma posição ôntica em relação à linguagem definindo-a apenas como um instrumento de comunicação. A linguagem além de ser compartilhada num contexto que em si mesma contém sua própria significação, o que nos leva às referências culturais, abrange uma totalidade desnecessária à ciência. As demandas culturais em que o ser-aí se envolve na cotidianidade de sua vida fazem parte do dizer (Rede) assim como o silêncio que em si é um dito que nos esclarece o sentido da linguagem para a analítica existencial.

Referências

- BAY, T. A-A. *El lenguaje en El primer Heidegger*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- CABRERA, J. *Margens das filosofias da linguagem: conflitos e aproximações entre analíticas, hermenêuticas, fenomenologias e metacríticas da linguagem*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.
- DREYFUS, H. H. *A Commentary on Heidegger's Being and Time. Division I*. Cambridge-MA: The MIT Press, 1991.
- DRUCKER, C. Dostoiévski, Heidegger, Técnica e Ética. *Revista Ethic@*. Florianópolis, v.3, p. 61-82, Jun 2004.
- DUARTE, A. Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro. *Natureza Humana*. São Paulo, v7(1), pp. 129-158, jan-jun 2005.
- _____. Heidegger e o outro: a questão da alteridade em ser e Tempo. *Natureza Humana*. São Paulo, v. 4(1), pp. 157-185, jan-jun 2002.
- HEIDEGGER, M. *Ensaios e Conferência*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *Logic - The question of truth*. Translated by Thomas Sheehan. Bloomington: Indiana University Press. 2010.

- _____. Logik - Die Frage nach der Wahrheit. In: *Gesamtausgabe*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1976.
- _____. *Heráclito - A origem do pensamento ocidental: Lógica. a doutrina heraclítica do logos*. Tradução de Marcia Schuback. Bonsucesso-RJ: Relume Dumará, 2000.
- _____. *Plato's Sophist*. Translated by Richard Rojcewicy and Andre Schuwer. Bloomington: Indiana University Press 2003.
- _____. *Ser e Tempo*. Tradução e revisão de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- _____. *Sein und Zeit*. Tübingen-DE: Max Niemeyer Verlag, 2006.
- _____. *Kant Y El Problema de la metafísica*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- KANT, I. *Kritik der reinen Vernunft*. Hamburg: Meiner Verlag, 1998.
- LAFONT, C. *Heidegger, Language, and World-Disclosure* Translated by Graham Harman. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- STEIN, E. *Compreensão e Finitude: Estrutura e Movimento da Interrogação Heideggeriana*. Ijuí-RS: Editora Unijuí, 2001.
- _____. *Sobre a verdade: Lições Preliminares ao Parágrafo 44 de Ser e Tempo*. Ijuí-RS: Editora Unijuí, 2006.
- WERLE, M. A. Heidegger e a produção técnica e artística da natureza. *Revista Trans/Form/Ação*. Marília, v.34, pp. 95-108, 2011.